



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

CAMPUS SERTÃO DELMIRO GOUVEIA-AL

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JOSEMÁRIO PORFIRIO DA SILVA

**A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CARTOGRÁFICO: UMA ANÁLISE
BIBLIOGRÁFICA**

DELMIRO GOUVEIA- AL

2022

JOSEMÁRIO PORFIRIO DA SILVA

**A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CARTOGRÁFICO: UMA ANÁLISE
BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão,
como requisito para a obtenção do título de Graduado em
Geografia - Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. José Alegnoberto Leite
Fechine.

DELMIRO GOUVEIA- AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586a Silva, Josemário Porfírio da

A alfabetização e letramento cartográfico: uma análise bibliográfica / Josemário Porfírio da Silva. – 2022.

53 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: José Alegn Roberto Leite Fechine.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Geografia. 2. Cartografia. 3. Educação. 4. Alfabetização. 4. Letramento. I. Fechine, José Alegn Roberto Leite. II. Título.

CDU: 911:37.091.64



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEOGRAFIA- LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): JOSEMÁRIO PORFIRIO DA SILVA

“A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CARTOGRÁFICO: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 02 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

Orientador(a)

Prof. Dr. José Alegnberto Leite Fechine – UFAL /Campus do Sertão

1º Examinador(a)

Prof. Dr. Roberval Felipe Pereira de Lima – UFAL /Campus do Sertão

2º Examinador(a)

Prof. Me. Luã Karll de Oliveira – Professor do Estado de Alagoas

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela saúde e discernimento, aos meus pais, pelo incentivo a estudar, mesmo sendo semianalfabetos, aos meus colegas de curso que fizeram parte dessa caminhada, em especial aqueles mais próximos, que me auxiliaram em momentos de dificuldade. Agradeço aos professores do curso pelos aprendizados a mim passados, os quais sempre se farão presentes, na jornada pedagógica, e de modo especial agradeço ao meu orientador professor José Alegnoberto, pela paciência e empenho em me nortear nessa última etapa da graduação.

RESUMO

A cartografia como ciência existe há mais de 500 anos e ela nunca perdeu sua utilidade, seja para quem trabalha diretamente com ela, seja para quem não sabe que ela existe. Isso ocorre porque o ser humano sempre precisou se localizar no espaço geográfico, e isso é prático, pois se trata de uma necessidade das pessoas: saber onde estão ou aonde querem chegar. No contexto pedagógico, ensinar cartografia é mesmo válido quando pragmaticamente se valoriza o cotidiano dos alunos, oferecendo-lhes consciência do que estão aprendendo e da verdade de que são capazes de utilizar a cartografia no meio social. Assim, se fala mesmo em autonomia do ser diante do eu se está aprendendo; coerentemente, vale evidenciar as frequentes considerações freireanas sobre a pedagogia da autonomia e suas implicações no letramento. A partir disso, este trabalho tem como objetivo geral compreender a contribuição da alfabetização e do letramento cartográfico, suas implicações no processo de formação dos alunos tendo por base as análises bibliográficas. Já como objetivos específicos busca compreender a importância da alfabetização/letramento cartográfico no processo de formação dos alunos; identificar como a alfabetização/letramento cartográfico contribuem para o processo de formação dos estudantes; reconhecer a importância da alfabetização cartográfica para o desenvolvimento cognitivo dos referidos alunos. A metodologia utilizada foi pesquisas bibliográficas relacionadas a alfabetização e letramento cartográfico, com base em suas informações trabalhar a pedagogia cartográfica. Trata-se de um estudo bibliográfico qualitativo de natureza exploratória. Coerentemente vale terminar enfatizando a importância de ensinar para a base autônoma do saber e da perspectiva social dos educandos.

Palavras-chave: Cartografia; Ensino; Letramento.

ABSTRACT

Cartography as a science has been around for over 500 years and it has never lost its usefulness, whether for those who work directly with it or for those who do not know it exists. This is because human beings have always needed to locate themselves in geographic space, and this is practical, as it is a need of people: to know where they are or where they want to go. In the pedagogical context, teaching cartography is even valid when pragmatically valuing the daily lives of students, offering them awareness of what they are learning and the truth that they are capable of using cartography in the social environment. Thus, if one speaks about the autonomy of the being in front of the self, one is learning; coherently, it is worth highlighting frequent Freire's considerations about the pedagogy of autonomy and its implications for literacy. From that, this work has as general objective to understand the contribution of literacy and cartographic literacy, its implications in the process of formation of students based on bibliographic analysis. And as specific objectives search to understand the importance of literacy / cartographic literacy in the training process of students; identify how literacy/cartographic literacy contributes to the student education process; recognize the importance of cartographic literacy for the cognitive development of these students. The methodology used was bibliographic research related to literacy and cartographic literacy, based on their information to work on cartographic pedagogy. This is a qualitative bibliographic study of an exploratory nature. Accordingly, it is worth finishing by emphasizing the importance of teaching for the autonomous basis of knowledge and the social perspective of students.

Keywords: Cartography; Teaching; Literacy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Apresentação a cronologia dos artigos incluídos no estudo.....	39
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

GPS - Sistema de Posicionamento Global

ABP - Aprendizagem Baseada em problemas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MATERIAIS E MÉTODOS	13
3	REFERENCIAL TEORICO	14
3.1	LINGUAGEM CARTOGRÁFICA: BREVE HISTÓRICO	14
3.2	A formação do educando a partir dos mapas	16
3.3	A importância das metodologias ativas para o ensino de cartografia	24
3.4	Tradicionalismo e Ensino.....	28
3.5	A importância de formar professores para formar cidadãos conscientes.....	29
3.6	Os desafios do letramento no ensino cartográfico.....	35
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

É sabido que a alfabetização cartográfica é indispensável para o desenvolvimento cognitivo e espacial dos estudantes, dessa forma, surge a indagação: de qual forma essa temática tem sido abordada nos trabalhos acadêmicos? Quais as conclusões inerentes, já foram apontadas na contextualização educacional?

Assim, os objetivos específicos deste estudo são: compreender a importância da alfabetização/letramento cartográfico no processo de formação dos alunos; identificar como a alfabetização/letramento cartográfico contribuem para o processo de formação dos estudantes; reconhecer a importância da alfabetização cartográfica para o desenvolvimento cognitivo dos referidos alunos.

Como se sabe a ciência geográfica possui várias vertentes de abrangência das quais sendo a cartografia indispensável para representar a realidade e refletir ao máximo sobre as informações inerentes, as quais desejam-se expressar, seja através de mapas, cartas, figuras, dentre outras demais, em âmbito local ou de outras regiões ou países e também sua implicação para melhor expressar informações e dados, a complexidade que a linguagem cartográfica possui e seu rico vocabulário. Tendo isso em vista sugeriu-se que fosse feita uma pesquisa com foco em analisar a forma como a alfabetização e o letramento cartográfico que estão sendo tratados, sua relevância no debate e investigações no âmbito acadêmico, a forma que esta temática tão fundamental para a educação e para profissão docente na disciplina geográfica, está sendo incorporada, por parte dos professores em sala.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho em seu desenvolvimento irá buscar, em uma gama de trabalhos e pesquisas científicas, acerca desta temática, com base em documentos e pesquisas científicas já realizadas, e a partir destes obter conclusões acerca da temática aqui abordada nas entrelinhas, observando que os mesmos foram selecionados por meio de sua coerência e sincronia com a linha de abordagem traçada pelo autor deste trabalho, para tal foram feitas pesquisas na plataforma, “BDTD” (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), para se conseguir ter acesso ao acervo necessário e indispensável para prosseguimento desta pesquisa que possui como proposição aprofundar questões como, compreender a contribuição da alfabetização e do letramento cartográfico, suas implicações no processo de formação dos alunos tendo por base as análises bibliográficas.

Por outro lado, lança-se luz à discussão partindo do prisma do processo de ensino aprendizagem num viés de autonomia e de letramento pedagógica da cartografia. Justamente

por isso, foi importante abordar o entendimento das questões de aprendizagem autônoma a partir dos pressupostos do autor Paulo Freire (1921-1997), com suas abordagens de teorias de autonomia e aprendizagem social para um ser ativo, participativo e politicamente conhecedor do saber como ferramenta de prática social. Assim, configurando-se uma pesquisa exploratória qualitativa, este trabalho parte da hipótese de que é preciso valorizar o letramento cartográfico, bem como o ensino a partir da contextualização do conteúdo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta investigação é de cunho bibliográfico qualitativo em consonância com uma pesquisa exploratória do assunto e é classificada quanto aos objetivos como um estudo exploratório e descritivo. O estudo caracteriza-se como exploratório, pois estabeleceu uma discussão sobre a importância do letramento cartográfico para os alunos na educação básica no contexto pedagógico, como destaca Gil (2010) esse tipo de pesquisa busca dar um maior entendimento do problema pesquisado. Quanto à abordagem foi qualitativa, pois pretende-se em um primeiro momento interpretar e analisar os fatos, como também os aspectos educacionais.

Procurou-se caracterizar as etapas da pesquisa a serem seguidos para responder ao problema (questão de pesquisa), confirmar hipóteses e desvelar os objetivos da investigação científica, fornecendo assim subsídios que, além de direcionar para o percurso da pesquisa, proporciona uma visão panorâmica do objeto de pesquisa a ser estudado.

Sendo assim, os procedimentos metodológicos foram norteados por diversos tipos de leituras e descritos em etapas bem definidas, a partir de pesquisas realizadas durante o contínuo estudo. São elas: **Primeira etapa** – Levantamento prévio em bases de dados, ou seja, seleção de artigos, dissertações, teses e livros de acordo com o título e palavras chaves. Este primeiro filtro foi importante porque foi possível encontrar e organizar, previamente as investigações que serão utilizados na pesquisa. Feito o levantamento, organizou-se os trabalhos em um banco de dados e posteriormente organização dos títulos dos trabalhos em um quadro. Concluído esta etapa, partiu-se para a **Segunda etapa** - Leitura exploratória, leituras, em que se analisou e observou por inteiro a estrutura da pesquisa, verificando quantidade de páginas, tópicos abordados, a estrutura, figuras, gráficos etc. Trata-se de uma leitura rápida e visual, simplesmente com o objetivo de conhecer a estrutura geral de artigos. **Terceira etapa** - Leitura estratégica: foi em que começou a buscar as ideias da pesquisa, como a questão/objetivo do estudo, método utilizado, resultado. Também é uma leitura rápida, em que se pode submeter um olhar bem direcionado ao encontro de determinadas informações válidas, que confirmam ou negam a hipótese. **Quarta etapa** - Leitura completa: depois de feitas as leituras anteriores, valeu escolher e julgar quais artigos e livros seriam necessários ler por completo. Vale ressaltar que nem todos os artigos foram lidos a fundo, pois alguns nem passaram da leitura estratégica; outros, porém, precisaram ser lidos e relidos. À medida em que foram selecionados os trabalhos, e foram feitas as leituras anteriores, naturalmente desenvolveu-se a capacidade de perceber que quanto eram úteis para o estudo.

3 REFERENCIAL TEORICO

3.1 LINGUAGEM CARTOGRÁFICA: BREVE HISTÓRICO

Ao se tratar da cartografia como ferramenta geográfica é imprescindível que tenhamos em vista a sua relevância e indispensabilidade de modo que no “âmbito da geografia escolar a cartografia aparece como um elemento extremamente importante, pois ela traz consigo um contingente de informações e conhecimentos indispensáveis na formação das pessoas”. (SANTOS E FECHINE, 2017, p. 500). Dessa forma ao buscarmos seu desenvolvimento histórico, podemos observar que tal desenvolvimento está repleto de fases de abordagem e que nem sempre a mesma teve a relevância que possui atualmente; tal fato é ainda mais notório quando levamos em consideração que, “O ensino de Geografia tem sido historicamente marcado pelo enciclopedismo e memorização dos conteúdos o que provoca um distanciamento entre o que é estudado e a dinâmica cotidiana do espaço vivido pelo aluno” (PENHA, LIRA E CHAVES, 2018, p. 98). A cartografia passou a ter maior utilidade e versatilidade na alfabetização, de maneira especial a de alta localização espacial, cuja, dialoga de maneira intrínseca com o desenvolvimento cognitivo dos alunos “A alfabetização cartográfica permite a criança desenvolver as noções de espacialidade, fazendo-a perceber aquilo que está a sua direita e a esquerda, o que está perto e o que está longe; o que é grande e o que pequeno”. (SANTOS E FECHINE, 2017, p. 501).

No contexto da alfabetização linguística, ouve uma mudança em sua implementação, “A partir da década de 1980, começou a ser criticado o ensino da leitura e da escrita centrado em habilidades mecânicas de produzir palavras e/ou frases”, (BREDA E STRAFORINI, 2020, p.284), dessa forma termos com “letramento” passaram a ser utilizados não somente de maneira formal mas implicando também na forma com que, “A mudança na forma de compreender o processo de alfabetização exigiu a competência para usar a leitura e a escrita nas práticas sociais.” (BREDA E STRAFORINI, 2020, p. 285).

Ao abordar a respeito da cartografia, deve-se ter em mente que não se trata apenas de uma mera ferramenta de representação simbólica, mas que a mesma está inserida em uma gama de afins e aplicações no universo que a Geografia permeia. De acordo com Oliveira, (2010, p. 20):

Para compreender a relação entre o conhecimento cartográfico e geográfico, faz-se necessário, inicialmente, entender o que é conhecimento, para que a partir disso

possamos elaborar uma discussão acerca das transformações do conhecimento geográfico e da inerência da representação cartográfica na sua constituição.

É sabido que há uma série de dificuldades de aprendizado que carecem ser solucionadas, contudo, encontrar uma didática compatível com o nível dos alunos é tarefa deveras muito complexa. Mas, de acordo com as ideias de Nunes e Almeida (2019, p. 58), “todo esse percurso pode ser resolvido a partir do uso da linguagem, que pode ser uma metodologia inovadora e significativa se possibilitar a conexão de conteúdos, conceitos e fatos, bem como proporcionar ao estudante a compreensão da parte e da totalidade do território”.

Desta forma, é de incumbência dos professores de geografia inserir esses conhecimentos o mais próximo possível da realidade dos alunos, para que estes possam visualizar seus anseios, ponto de vista e percepção de vida em sociedade, além de considerar a forma com que enxergam o mundo a sua volta. Deve-se ainda, desencadear uma percepção de aprendizagem significativa da realidade, uma vez que, a ciência geográfica estará presente em seu desenvolvimento como estudante, bem como sujeito construtor do seu próprio conhecimento e integrante de uma grande e dinâmica engrenagem social. Esta aprendizagem, de acordo com Ávila (2018), “está atrelada à necessidade de desenvolver com os alunos significados da paisagem a partir do que eles vivenciam, praticam, expressam, representam, simbolizam ou imaginam por meio de sua leitura de mundo”.

De outro modo, tomando como base as ideias de Ávila (2018), o mais provável é que, com base na leitura de Cavalcanti (2010), traz uma importante questão sobre a problemática que os professores de geografia, infelizmente, vivenciam diariamente nas escolas, dificuldades [...], ao planejar as aulas do currículo, quando esses enfrentam “dificuldades ao tentar atraí-los em suas aulas, pois grande parte deles não demonstra interesse pelos conteúdos que essa disciplina trabalha”, ou seja, para se alcançar um patamar considerável de interação e curiosidade por parte dos estudantes, faz-se necessário aproximar os conteúdos as suas realidades, de modo a sempre que possível, tais temas tenham utilidade prática no dia a dia e em suas rotinas.

Salientamos, portanto, que para a cartografia ser implementada é de suma importância, que os professores estejam aptos a transmitir de maneira clara e objetiva para seus alunos o conteúdo proposto. Assim, para que todo esse processo ocorra de maneira coerente é indispensável a existência da alfabetização cartográfica como ferramenta de apreensão, compreensão e assimilação do conhecimento, possibilitando aos envolvidos a capacidade de ler

e compreender a dinâmica do espaço geográfico, sendo assim possível a correta e oportuna utilização de suas informações e ferramentas para compreensão da realidade que compõe a espacialidade geográfica. Assim Nunes Filho, (2019, p. 60-61), aborda:

É fundamental que a alfabetização cartográfica esteja presente na vida escolar dos estudantes desde as séries iniciais do Ensino Fundamental e que tal conhecimento seja ensinado e apreendido até o último ano do Ensino Médio. Assim, os estudantes poderão apreender a se localizar, a analisar a distribuição de determinado fenômeno, a correlacionar e a fazer síntese de informações reproduzidas em mapa.

Entende-se que a alfabetização cartográfica é um componente extenso e contínuo, visto que, tem seu início ainda nas primeiras etapas do ensino fundamental, e permeando toda a educação básica. Para tanto, deve-se considerar que no início desse percurso os métodos lúdicos e desenhos são os mais utilizados, os quais buscam retratar a realidade vivenciada pelas crianças, seja desenhando a frente da sua casa, uma parte do percurso até à escola, ou ainda alguns objetos que retêm sua atenção para esses espaços que exercem papel ainda que inconsciente, de pontos de referência. De modo que, “a cartografia escolar no ensino de Geografia configura-se em um caráter de extrema importância para que o aluno se torne sujeito da produção, da interpretação e da representação do espaço, (Avila, 2018, p. 58)”.

3.2 A formação do educando a partir dos mapas

O processo da leitura de mapas sempre foi uma discussão prolongada no contexto pedagógico de ensino da geografia. Portanto, muito já se pensou sobre como pode ser realizada a construção de uma aprendizagem de leitura cartográfica significativa. É que refletir sobre a importância da leitura e letramento cartográfico para o ensino é pauta que desemboca num processo de possibilidades de desenvolvimento da autonomia do educando a partir do letramento como ferramentas de formação integral dos estudantes. Portanto, ensinar a ler e a compreender mapas cartográficos numa perspectiva social equivale a práticas construtivas e a processos análogos ao desenvolvimento de ações e práticas discursivas sociais e pedagógicas. Ávila, (2018, p. 108), ressalta:

Realizar atividades como esta que priorizem não somente o conteúdo escolar, mas que gere significados próximos da realidade dos estudantes, contribui para que a escola seja um lugar de possibilidades palpáveis a curto prazo, por exemplo, de reconhecimentos imediatos e de identificação. [...] A cada momento da educação vemos o quão se faz necessário modificar as abordagens pedagógicas a fim de melhorar a relação entre ensino/aprendizagem e promover o estímulo e entusiasmo nos alunos brasileiros, principalmente os da rede pública.

Logicamente, pensar em leitura cartográfica deixa de ser um tema meramente escolar e voltado ao segmento pedagógico, como a sala de aula, simplesmente, e passa a propiciar um processo também de reconhecimento de valores e de habilidades para a formação integral dos educandos e suas práticas sociais de pertencimento. Nesse contexto Honda, (2017, p. 25):

Pretende-se, assim, aqui focar o estudo do lugar enquanto conceito aplicado ao ensino, como espaço vivido que faz parte do cotidiano do aluno. Lugar que é atribuído de significados e pertencimento, onde o mesmo estabelece sua identidade. Assim, conduz-se ao exercício da cidadania, pois desenvolve no aluno habilidades tanto para identificar problemas e necessidades da localidade como a busca de soluções.

Como é significativo elevar a concepção desse tipo de leitura a um âmbito mais que prático ou pragmático, no funcionamento de cunho social, as possibilidades que o letramento cartográfico pode dar ao aprendente são diversas. Isso porque aprender a ler mapas é emancipar, libertar e empoderar os estudantes como cidadãos dignos de uma educação de qualidade e de um desenvolvimento cognitivo e sociocognitivo espacial e reconhecedor de seu pertencimento; além de possibilitar, no ato do ensino desempenhado pelos docentes geógrafos, uma leitura autônoma para o meio social, pois ler mapas e desenvolver a capacidade espacial passa a ultrapassar os meios puramente de capacidades cognitivas e, nos últimos anos, a invadir a premissa da funcionalidade social com o letramento cartográfico. Acontece que a cartografia na educação básica deixou de ser somente codificar frases linhas entre mares e terras postas no papel para algo além disso: um instrumento de pertencimento, de humanização e de contato com a criação estética da arte cartográfica de localização no espaço. Assim Silva, (2013, p. 27). aborda:

Sabemos que para a análise do espaço próximo, é necessária a sua relação com outras instâncias espacialmente distantes. No entanto, para que esse processo de aprendizagem se efetue, a realidade é o ponto de partida e de chegada, ou seja, o espaço geográfico que cerca o aluno deve ser a base para a exemplificação e contextualização dos acontecimentos que não fazem parte da esfera onde o mesmo se encontra.

Coerentemente, a verdadeira construção do conhecimento alfabetizador geográfico não somente se resume ao papel de escolarização e instrumentalização dos saberes da cartografia, mas ao peso de funcionalidade desse conhecimento para sua vida social dos educandos. Por isso, é importante que o professor contextualize o conteúdo, pois, Segundo, Simielli (1986, p.94), “[...] o aluno constrói ele mesmo o seu saber, retendo apenas uma parte dos conteúdos

propostos, integrando-a à sua maneira nos esquemas de pensamento e ação”. Em meio a essa discussão, Cavalcanti, (2002, p.16), argumenta que:

[...] as habilidades de orientação, de localização, de representação cartográfica e de leitura de mapas desenvolvem-se ao longo da formação dos alunos. Não é um conteúdo a mais no ensino da Geografia, ele perpassa todos os outros conteúdos, fazendo parte do cotidiano das aulas dessa matéria. Os conteúdos de Cartografia ajudam a abordar os temas geográficos, os objetos de estudo.

No Brasil, o analfabetismo cartográfico já se resumiu ao limitado processo de codificação e decodificação de pontos e à esterilização da área de localização compreendida pelos estudantes, talvez ainda hoje continue sendo assim tratado em algumas escolas. Quando se pensa em fazer um país formado por cidadãos consciente do espaço onde habitam, sugere-se que essa seja uma nação onde seu povo saiba desenvolver métodos básicos de leitura cartográfica, bem como de interpretação e utilização desses segmentos numa esfera social, o que dá jus ao letramento na área. Nesse contexto, o objetivo dos professores frente a tal processo é buscar desenvolver a função de manter em sala de aula uma proposta de conscientização do conteúdo e letramento geográfico. Coerentemente nesse contexto, Tomita (2009, p.21), afirma que “[...] esses conhecimentos não têm sido explorados, de forma a dar um significado à aprendizagem”.

Assim, é possível discorrer sobre como pode a alfabetização cartográfica, o ensino e a prática docente saírem do simples sistema bancário e ter um papel libertador e emancipador (FREIRE, 1980). Trata-se de compreender possibilidades de um trabalho de letramento cartográfico análogo à formação e evolução intelectual e sócio-política dos cidadãos partícipes do processo de ensino-aprendizagem, pois é fato que muito já se pensou sobre o que vem a ser a educação para todos e por todos, os papéis da escola e dos professores de Geografia, entre outras pautas que exigiram fundamentos educacionais significativos e pedagógicos não isolados à sala de aula (Erika, 2010).

Portanto, pensar sobre um caminho da escolarização para a leitura cartográfica sempre foi um questionamento de muitos pesquisadores da área de metodologia do ensino de geografia. Assim, quando a educação necessita mudar, assumir outros papéis e dá conta de novas funções também do processo de leitura necessita tomar novos caminhos e premissas. Os problemas que norteiam a prática educacional voltada para as exigências de viver em sociedade faz com que esses processos não se resumam somente a isso: codificar; mas também às possibilidades e

exigências que eles podem propiciar numa perspectiva social e como ferramenta de formação integral do educando. Acontece que Silva, (2013, p. 105), trata que:

No ambiente escolar, constantemente se lida com os paradoxos: certeza- incerteza; conservadorismo-inovação; ordem-desordem, pois os contrários geram vida e estão no processo evolutivo. Neste pensamento, os docentes que labutam neste ambiente, também são envolvidos, participam desses paradoxos e, ao mesmo tempo, vivenciam ritmos acelerados nas inovações tecnológicas; por conseguinte, acharmos que na contemporaneidade, esses docentes precisam saber que as verdades não são absolutas e, a partir desta convicção, através de iniciativas, devem-se transformar em professores pesquisadores, sem, no entanto, ignorarem, no processo da construção do conhecimento, suas características paradoxais e complexas.

As metas estabelecidas de leitura cartográfica para um bom andamento das práticas sociais deveriam alcançar um hábito cotidiano nas aulas. Ler e interpretar mapas devem ser atos desenvolvidos na escola numa perspectiva qualitativa, porém com a premissa de alcançar uma progressiva significância na vida dos estudantes em todo o contexto integral do ser. Assim, o professor deve ensinar para conseguir formar cidadãos partícipes das práticas sociais e de multiletramentos (ROJO, 2012), pois esse ensino de leitura é, e deve ser, uma ferramenta de comunicação social de forma tal que tenha viabilidade e que dê ao estudante o direito pleno de atuar sobre suas necessidades cotidianas com tais ferramentas.

Não se pode falar em ler mapas como um ato pedagógico mecânico e isolado, purista, simplesmente enviesado pela automática ação de ler em sala de aula e nada mais. Possibilidades devem ser instigadas, geradas, promovidas e levadas a compreender que saber a localização espacial se trata de um instrumento social, repleto de nuances e condicionamentos.

Refletindo sobre o ensino de cartografia na escola, é bem sabido que a ela é uma invenção que nem todo ser humano tem habilidade para desenvolvê-la sozinho. Interpretar os mapas é uma habilidade difícil; é preciso justamente prática e as devidas orientações, bem como na leitura de legendas e informações diversas. É por isso que cada educando, desde cedo, já deve ser exposto ao estudo da cartográfico, pelo menos aos poucos, pois aprender a ler informações de mapas é uma tarefa que requer concentração e prática constantes que precisam ir além da alfabetização e da prática, sempre que conveniente e possível traduzir tais contextualizações para a realidade local dos educandos.

A alfabetização é importante nas séries iniciais, pois já familiariza os alunos com a cartografia. Quando se pensa em leitura cartográfica, muito pode ser discutido sobre como ela pode ter funcionalidade ou utilidade diante dos processos sociais aos quais os educandos estão submetidos. Ela, no geral, não se refere a práticas isoladas de fatores sociais, nem devem; e

nem tão somente identitários. Qualquer que seja o nível de aprendizagem de tal ato, deve haver um começo de letramento, tudo isso porque os alunos são indivíduos que precisam estar em sociedade e usufruir da liberdade comunicativa e cidadã; justamente para isso, dispõem do código cartográfico tanto para leitura quanto para a compreensão dos mapas.

Com a proposta de um ensino de cartografia à luz do letramento, a busca por uma educação emancipadora se arrasta a bastante décadas, percebe-se de forma bastante clara que a mesma continua estagnada após tantos avanços. Nesse mesmo contexto, as abordagens teóricas do professor e pesquisador pernambucano Paulo Freire (1921-1997) se apresentam como atuais no universo da informação, da educação e na formação de novos cidadãos informados para a sociedade vigente. Por isso, torna-se salutar compreender a importância da cartografia no trabalho de apresentação de informações emancipadoras aos alunos, isso porque o acesso à geografia cartográfica contribui para que os educandos também aprendam a refletir sobre o que leem e aprendem diante dos fatos cotidianos ao seu redor.

Coerentemente, o olhar pedagógico e social da educação cartográfica inclui tal sistema de ensino da cartografia numa esfera de ensino consciente e autônomo. Segundo a visão do autor Paulo Freire, num ensino tradicional do início do século XX, tanto os homens quanto as mulheres eram impossibilitados de expor as suas opiniões, e de se expressar, tornavam-se limitados e para a sociedade não era interessante que as classes populares expusessem com liberdade seus anseios, necessidades, interesses e críticas. O analfabetismo num âmbito geral contribuía para que a burguesia continuasse a se aproveitar desenfreadamente da população com menos conhecimento; contrariando a autonomia social e educacional. Sobre autonomia, Freire, (1980, p. 27), discorre que:

[...] a conscientização não consiste em estar frente à realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo.

A esse olhar, a cartografia pode ter um papel importante: o de possibilitar a informação cabível aos aprendentes. Sabendo que o conhecimento liberta, e era esse o objetivo de Paulo Freire: liberdade, conhecimento, expressão, e tudo isso por meio da educação ou do saber. O indivíduo quando munido de conhecimento se libertava. Destarte, o ensino de geografia cartográfica se estende a esse patamar na contribuição de informação, ensinar a ter acesso às

informações, à dados, à leitura diversificada. Com esses papéis, ela ajuda a informar e deixar os educandos informados na contemporaneidade e no seu passado, possibilitando torná-los seres capazes, questionadores e possíveis de fazer escolhas que possam favorecê-los em seus interesses, ajudando na compreensão da leitura de mundo, entendendo que ele pode ser o sujeito de sua própria história e com isso transformar sua realidade de modo favorável.

Educar trata-se de uma tarefa nada fácil, decerto. Já que esta discussão se frutifica em tal contexto pedagógico, a realidade na formação de uma sociedade futura consciente mexe com a prática de aprender, de ensinar e se informar. Este último é papel de talento para os professores que lidam com o ensino de geografia ou geógrafos. Por isso, vale refletir nas palavras de Freire, (2014), “[...] criar meios de compreensão de realidades políticas históricas que deem origem a possibilidades de mudanças. Penso que seja nosso papel desenvolver métodos de trabalho que permitam aos oprimidos (as), pouco a pouco, revelarem sua própria realidade, (Freire, 2014, p. 35)”.

Nesse sentido, reitera-se a importância do professor de Geografia para o ensino cartográfico em seu papel de provedor informação capaz de atuar em variadas funções que tenham por objetivo organizar e obter coerente as informações e como gestor de informação para atender os anseios da sociedade num contexto socioespacial. A partir daí, fornecer informações se torna uma prática significativa quando o papel dele não se resume só ao simples fato de informar, mas de preocupar-se com a qualidade da informação e do ensino de seus alunos.

Isso mostra a importância plausível da qual o professor não pode abrir mão, para argumentar coerentemente sobre o valoroso papel dele no processo emancipador de aprendentes e de consciência social para aprender cartografia. Como informar é, antes de mais nada, compartilhar conhecimento, vê-se importante saber que a leitura de mapas tem papel fundamental para a formação do cidadão, pois lhe serve como ferramenta de discernimento social.

Essa consideração deve ficar clara para os termos de respeito aos educandos que estão ainda desenvolvendo sua leitura na geografia e se tornando consciência do ato de ler e de se informar nas aulas; sendo respeitado para que assim ele se desenvolva intelectualmente e cumpra coerentemente seu papel de cidadão. Por isso, deve-se compreender o desenvolvimento do ensino da cartografia por meio da leitura de acordo com proposta de letramento, ensinando aos alunos como eles podem se valer do conhecimento prévio para se beneficiar das

informações cartográfica no seu meio social; com o maior objetivo de criar um cidadão leitor cartográfico competente, bem como informado, tornando-se assim cidadãos capazes de discursar e entender o que estão lendo, ativos e conscientes da sua realidade.

É inegável a necessidade da prática da leitura cartográfica voltada para o desenvolvimento das informações para uma nova geração de alunos conscientes, que na maioria das vezes não sabem nem indicar onde nasce o sol nem conhece os pontos cardeais. Por isso, desenvolver a capacidade de leitura cartográfica se tornou uma função importante para o cotidiano das aulas de geografia, pois a informação está nesse ato e coerentemente ligada à interpretação do espaço no mundo. Nesse contexto, o ensino e aprendizagem perpassam a codificação e a própria decodificação de informações extraídas de mapas. Desse modo, analisar e tirar conclusões sobre a prática de desenvolvimento informacional por meio da cartografia, bem como o meio de mostrar como ser alfabetizado para mais tarde está preparado para ler o mundo, o espaço, as áreas geográficas e indicações exerce devidamente um papel fundamental para a formação do ser ainda na educação básica.

Sob a luz dessas considerações, pode-se entender que é possível que a cartografia faça parte da emancipação do futuros indivíduos de uma sociedade mais informada, esse processo transcorre a partir de um trabalho em que o professor de geografia usa suas estratégias de atuação baseado no ato de gerar conteúdo e checar informação, para que assim se faça uma autonomia não em direção ao individualismo, mas a partir da utilização de atividades cartográficas que levem os aprendentes a terem êxito no processo de aquisição da aprendizagem na realização das práticas que dialogam intimamente com a realidade sociocultural deles.

Ao ensino de cartografia pode ser norteado pelo desenvolvimento de habilidades de comunicação e informações difundidas pelo professor. Diante disso, é possível lançar luz sobre as possibilidades de valorização plena da capacidade de comunicar-se com os alunos e de informá-los sobre a utilidade dos mapas para a localização do ser. Assim, é possível compreender que se trata de um fomento às desenvolturas de comunicatividade e autonomia pessoal entre os protagonistas sobre o ato de ler e saber mais sobre si e sobre a sua realidade em busca da consciência de mundo, com o intuito justamente de aprimorar a capacidade comunicativa ao passo que fortalece o objetivo claro de estabelecer um paralelo entre informações e autonomia pessoal a partir do olhar prático sobre a aprendizagem de mapas.

Assim, é possível relacionar a cartografia com a autonomia pregada por Paulo Freire na contextualização de aprimoramento da capacidade do educando ou do cidadão de acordo com

o desenvolvimento de habilidades comunicativas e de atendimento ao público interno e externo às instituições escolares, bem como no contexto emancipatório do ser socialmente engajado.

Como já suscitadamente exposto neste trabalho, sabe-se que a cartografia surgiu com o objetivo de facilitar, dinamizar e oferecer possibilidades diversas de localização e de direcionamento geográfico tanto nas grandes navegações do século XVI, quanto no cotidiano de setores diversos da sociedade contemporânea em nível de informação. No tocante à educação, essa abordagem também é mais que válida; por isso faz-se aqui um paralelo com o ensino de cartografia num contexto de letramento e alfabetização e um olhar emancipador e libertador da educação como instrumento de formação cidadã.

Portanto, pode-se dizer que o uso de mapas é uma necessidade humana hodierna e, acima de tudo, sociocultural, desenvolvida com o objetivo de possibilitar ao homem a dinamicidade nas atividades cotidianas de localização. Coerentemente, a cartografia pode trabalhar isso em sua ação: ajudando a formar indivíduos conscientes e emancipados.

Dessa maneira, o uso da informação cartográfica também se faz necessária para que a aprendizagem dos alunos possa acontecer tanto nos meios sociais mais diversos quanto, especificamente, na sala de aula, que ainda é o local mais adequado para construir, compartilhar e trocar conhecimentos.

As incumbências dos professores de geografia na metodologia de ensino, sem dúvidas, configuram-se em dispor de ferramentas importantíssimas para os alunos, principalmente aos que dependem diretamente de informações, por necessidade de acompanhamento diário da evolução das tecnologias e fatos duvidosos em meio às mudanças do espaço e localização. Os educandos, em seu cotidiano precisam se valer dos conhecimentos de cartografia para realização de diversas de suas necessidades básicas em âmbito territorial e local. Assim, a aprendizagem de cartografia ajuda a desenvolver a capacidade crítica ao ocupar um lugar e em determinada localidade. Porém, tudo isso se configura a partir da interpretação e leitura dos mapas. Coerentemente Brisola, (2018, p. 70):

Se faz necessário levar em consideração as dimensões e abrangências da Competência Crítica em Informação, aprofundando os estudos críticos - Teoria Crítica e Pedagogia Crítica - e inferir maneiras práticas de promover as competências nas pessoas de maneira que contribuam com a sociedade e a cidadania. É preciso também, incentivar estudos que investiguem formas de utilização dos espaços informacionais (museus, bibliotecas, entre outros espaços públicos e privados) e educativos (escolas e universidades) para a promoção desta Competência Crítica em Informação.

É bastante significativo compreender como a cartografia consegue dar alicerce a todo o organismo das informações veiculadas ao desenvolvimento da autonomia dos alunos, bem como estruturar os fatores que norteiam a prática educacional e de acesso a condições sociais por meio da mobilidade ao ir e vir; e de reconhecimento e pertencimento local.

Com o apoio de professores geógrafos, é possível aprender que as relações de pertencimento a determinado lugar mudam ao passar dos anos e não dependem de verificação e análise para serem válidas e seguras. Em análise, infere-se que muitos suportes de comunicação são importantes e imprescindíveis para manter os alunos informados e seguros do que estão aprendendo. Por outro lado, também as ferramentas de comunicação nos mapas, como legenda e rosa dos ventos, tomam espaço diante das transformações sociais contemporâneas, como os aplicativos de localização e GPS. Isso mostra as mudanças que perpassam as transformações da sociedade, pois conforme o supracitado autor, Brisola, (2018, p. 79):

Assim, o estímulo e apoio à Competência Crítica em Informação do indivíduo, promove um reencontro com o seu ser no mundo, seu potencial de modificar sua realidade e a história. Conseqüentemente, ele se dá conta de sua cidadania, sua condição de povo com seus direitos e deveres, inclusive de repensar o mundo e suas engrenagens. Assim, como os operários nas fábricas se deram conta da exploração que sofriam e se mobilizaram, já no início da revolução industrial, o cidadão comum, percebendo-se em sua realidade, à partir da Competência Crítica em Informação, se auto mobiliza e promove ou participa de mobilizações enquanto cidadão.

As bases de um trabalho de ensino da cartografia devem ajudar na percepção de autonomia dos educandos, seja na escola ou não. Acontece que a vida social dos indivíduos se alicerça na informação de estar habitando determinado lugar. Esta, por conseguinte, precisa ser verdadeira e confiável para manter o conhecimento do ser sobre a verdade. Nesse contexto, os desafios de manter um público informado e engajado na sociedade como um todo exige que o professor trabalhe mais sua capacidade de contextualizar o conteúdo com o lugar de vivência dos educandos e de valorizar o currículo da escola.

3.3 A importância das metodologias ativas para o ensino de cartografia

A metodologia ativa está sendo algo essencial para educação. O uso dessa ferramenta vem cada vez mais sendo necessária na atualidade, pois se trata de um método de ensinar que requer do aluno competências e habilidades, possibilitando que ele mesmo seja o protagonista na sala de aula, ou seja, mostrando suas práticas e desempenho.

Neste sentido, as metodologias ativas podem ser trabalhadas na geografia. Esta ferramenta trabalha a criatividade do aluno no componente geografia, onde o professor sendo

mediador da sala, vai realizar atividades práticas para que possa perceber o desempenho dos alunos.

Assim, exige do docente uma pedagogia inovada com capacidade de atender a necessidade do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, isso mostra a importância de conhecer novas metodologias e habilidades que possam ser aplicadas em sala. Assim, segundo Silva (2014, p. 15), “Quando se realiza a leitura do lugar de vivência, é possível desenvolver um raciocínio espacial a partir da realidade conhecida e experienciada. A partir do lugar concreto podem-se extrair elementos para pensar o mundo e realizar comparações, abstrações, generalizações, análises, sínteses e relações”.

Logo então, as metodologias ativas no ensino de cartografia têm uma grande importância na motivação do aluno ser pesquisador, ou seja, tem o objetivo de buscar o aluno para o mundo da pesquisa. Neste caso, o docente entra como orientador auxiliando os estudantes em suas pesquisas, realizando atividades práticas em grupo com intuito de incentivar os estudantes ir a buscas de novos conhecimentos fora da sala de aula. Nesse contexto, Silva, (2014, p. 17), aborda a importância de compreender que:

Um dos objetivos do ensino básico é a formação do raciocínio espacial do aluno, iniciando uma análise da realidade quanto a sua configuração espacial. Nesse processo de ensino-aprendizagem, o professor assume importância fundamental, pois deve planejar aulas que permitam ao aluno se reconhecer como ator social para realizar a leitura do lugar e da paisagem, no sentido de levantar questionamentos, suposições, imaginações e lançar hipóteses para pensar o processo de construção da sua localidade e entender as relações que nele são estabelecidas.

A metodologia ativa torna o aluno um ser ativo, colocando em prática o que aprendeu. Sendo assim, o professor entra com o papel de orientador do aluno, orientando como deve se fazer, realizando atividades em laboratórios, fazendo pesquisa de campo no bairro, elaboração de questionário, por exemplo. Com esses tipos de atividades o professor consegue aplicar a metodologia ativa a partir do uso das ferramentas ativas nessas atividades que poderão ser feitas individualmente ou coletivamente. Coerentemente, abordado pelo referido autor, Silva, (2014, p. 18):

A escala de abordagem do conceito de lugar também permite que o professor realize diferentes análises espaciais, seja partindo do município, do bairro, da rua ou da escola. Assim, é possível abordar o tema de preservação do meio ambiente, a partir dos exemplos do próprio município, bairro ou rua em que o aluno está inserido, ou mesmo trabalhar as relações administrativas e funcionais, colocando situações de vizinhança e identidade como pauta de contextualização do conceito. Essas situações-problema devem ser pontos que o educador investigue através da pesquisa

de demandas do bairro e do município, para criticar, intervir e atuar no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, a metodologia ativa no ensino de geografia requer a participação de todos na elaboração de projetos de pesquisa, onde uma atividade pode ser individual ou grupal, mas que possibilite a interação de todos, ou seja, motivando o aluno a despertar o interesse na realização de pesquisa, visando a uma prática em sala com a participação conjunta. Dessa forma jogos cartográficos, maquetes, e representações gráficas que pontuem e explorem a orientação cartográfica, podem ser exemplos práticos da aplicação destas metodologias que desempenham papel de facilitadores do processo de construção do conhecimento, tendo o professor papel fundamental nessa prática ativa no ensino de geografia, facilitando a aprendizagem de saberes e motivando seus alunos transformarem e aprimorarem seus conhecimentos, levando-o ao mundo da pesquisa. Coerentemente, Brasil, (2018, p. 474), aborda que:

No Ensino Médio, a área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias oportuniza o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos explorados na etapa anterior. Trata a investigação como forma de engajamento dos estudantes na aprendizagem de processos, práticas e procedimentos científicos e tecnológicos, e promove o domínio de linguagens específicas, o que permite aos estudantes analisar fenômenos e processos, utilizando modelos e fazendo previsões. Dessa maneira, possibilita aos estudantes ampliar sua compreensão sobre a vida, o nosso planeta e o universo, bem como sua capacidade de refletir, argumentar, propor soluções e enfrentar desafios pessoais e coletivos, locais e globais.

O ensino da geografia tem a finalidade de desenvolver no aluno a capacidade de enfrentar situações em laboratórios de pesquisas, trabalho em grupo, soluções de problemáticas no contexto escolar; neste sentido, é fundamental uma metodologia que desenvolva o processo de aprendizagem do aluno, colocando em prática seus conhecimentos aprendidos na sala de aula. Para tanto, as metodologias ativas são uma escolha eficaz no ensino de geografia, este método ativo valoriza a realidade do aluno, visando por uma educação mais criativa, permitindo uma formação de competências e habilidades. Com base em Silva, (2014 p. 18), acontece que:

O caminho para o educador iniciar a formação de um sujeito participativo e agente capaz de pensar com criticidade o espaço nas suas múltiplas relações, deve ter como ponto de partida, o estímulo dos saberes prévios do aluno, geralmente aquele pautado no senso comum, carregado de preconceitos e crenças - ou seja, trazer para o contexto abordado o que o aluno dispõe da realidade subjetiva, para a discussão e com isso valorizar a sua capacidade de análise. Assim, o educador interpreta a leitura do lugar realizada pelo educando. Partindo dessa análise, estabelece a relação do conhecimento à priori ou pré-conceito, com o conhecimento conceitual teórico-científico, a fim de construir uma visão dialógica compartilhada, mais atrelada ao modo humanístico como se organiza o espaço do ponto de vista geográfico.

A sociedade atual no contexto escolar requer do aluno criticidade e criatividade no meio educacional; o estudante sendo o protagonista no ambiente escolar, diante do cenário atual a processo de ensino – aprendizagem busca a utilização das metodologias ativas para aprender e refletir sobre a prática. Sendo assim, o método ativo na geografia leva o estudante a motivação de fazer pesquisas, realizando projetos de pesquisa onde o aluno vai em busca de conhecimento além da sala de aula. Nesse contexto, Brasil, (2018, p. 553), aborda:

investigar situações-problemas e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações no mundo, utilizando procedimentos e linguagens próprios da CN, para propor soluções que considerem demandas locais, regionais e/ou globais, e comunicar suas descobertas e conclusões a públicos variados, em diversos contextos e por meio de diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação.

Dessa forma, a aprendizagem ativa tem uma importância significativa no ensino de cartografia ao promover o aluno a desenvolver seus conhecimentos além da sala de aula, levando-o para a prática social, ou seja, tem importância de trabalhar o estudo do espaço além da sala de aula. Por isso, tal método mostra que os alunos gostam das aulas expositivas, mas tem um interesse maior por aulas práticas quando o assunto é protagonizar a aprendizagem.

O modo em que as aulas práticas são aplicadas na sala durante a aula de cartografia é essencial para a vida futura do estudante, essas aulas ativas levam o estudante ao interesse em conhecer mais sobre sua vida social no espaço dentro de sua comunidade. Quando o professor utiliza essa prática, ele passa a ser orientador dos alunos, realizando seu papel de esclarecer suas dúvidas e dificuldades enfrentadas durante suas práticas fora da sala de aula (SILVA, 2014).

Desse modo, é fundamental compreender a aprendizagem Baseada em Problemas. A (ABP) inicia a aprendizagem criando uma necessidade de resolver um problema que não estará completamente ligado ao âmbito escolar, mas sim pode ocorrer fora da escola, ou seja, no dia a dia da criança, onde ela irá desenvolver seu senso crítico. Durante o processo, os alunos constroem o conhecimento do conteúdo e desenvolvem habilidades de resolução de problemas, bem como as competências de aprendizagem autodirigida (KWAN, 2000; ATWA; AL RABIA, 2014; GUERRA, 2014) e, deste modo, provendo um ambiente propício para o desenvolvimento metacognitivo dos estudantes (HARYANI et al., 2014).

A mediação do professor facilita no processo de absorção e apreensão de conteúdos que se transforma em conhecimento, gerando assim propostas para qualificação do ensino. No

entanto, seguindo esse ponto de partida, tais propostas de um professor problematizador fazem com que os indivíduos sejam instigados a estudar. Essa troca de conhecimento possibilita o amadurecimento intelectual do discente como, por exemplo, maior autonomia, confiança em si, pensamento crítico e responsabilidade para com o contexto escolar.

3.4 Tradicionalismo e Ensino

Os métodos tradicionais têm como objetivo transmitir uma educação visando a passar o conhecimento para o aluno de maneira cumulativa, ou seja, os aspectos da escola tradicional, entende-se que o conhecimento é passado de forma mecanizada, onde o aluno era considerado “tábula rasa”; seus conhecimentos prévios não eram considerados produtivos em sala de aula. Sendo assim, o aluno assumiria uma postura de um sujeito passivo no processo de aprendizagem. No ensino de geografia, como abordado por Sousa, (2018, p. 26):

O tema “Formação do Professor” em sua natureza inicial e continuada, é um campo epistemológico relevante à área educacional e, nos últimos anos, vem ganhando peso nas discussões e pesquisas acadêmicas no ensino de Geografia. Entretanto, na realidade atual, existem práticas docentes baseadas na reprodução de textos extraídos de livros didáticos e copiados no quadro e no uso de questionários com perguntas e respostas que, muitas vezes, não são discutidas ou analisadas, sem relação com o dia a dia dos alunos; esta última característica pode ser explicada pela formação inicial dos professores e pela existência de poucos espaços de formação continuada em Cartografia para docentes de Geografia.

Dessa forma, o sujeito ativo dentro do processo dos métodos tradicionais era o próprio professor, pois o mesmo era considerado o detentor de todo o saber e conhecimento. Nagai e Izeki (2013), diante das observações feitas, entendem que, durante muitos anos, os métodos tradicionais tinham como finalidade pedagógica apenas o papel do professor como centro de todo o conhecimento, onde tudo estava em volta dos seus saberes e conhecimentos, e não do aluno. Coerentemente, não se pode permanecer no ensino de geografia tradicional que ainda permanece de longas datas. Acontece que “Os mapas escolares são reproduções dos mapas geográficos. O que ocorre é que os pequenos “leem” os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia especiais e que não tem significação para as crianças” (OLIVEIRA, 1999, p.189).

Chakur (2014), em sua visão, ressalta sobre a posição das concepções da escola tradicional. Ele teve como referência os conceitos de (Piaget, 1977), apud Chakur, (2014, p. 37):

Estando o homem pré-formado já na criança, e consistindo o desenvolvimento individual apenas em uma atualização de faculdades virtuais, o papel da educação se reduz então a uma simples instrução; trata-se exclusivamente de enriquecer ou alimentar faculdades já elaboradas, e não de formá-las. Basta, em suma, acumular conhecimentos na memória, ao invés de conceber a escola como um centro de atividades reais (experimentais) desenvolvidas em comum, tal como se elabora a inteligência lógica em função da ação e das trocas sociais.

Dessa forma, a partir desse conceito, entendemos que o indivíduo já possui seus conhecimentos prévios antes mesmo de ir à escola. Ou seja, a escola é uma ponte para enriquecer esses conhecimentos do aluno, é a partir daí, onde existe uma necessidade entre a troca dos conhecimentos adquiridos por parte do professor e do aluno, tornando uma didática prazerosa na construção do conhecimento. Essas atividades reais citadas por Piaget têm como exemplo aquilo que ambos vivenciam em seu dia a dia aproximando a educação de acordo com a realidade do aluno. Sendo assim, o aluno pode assimilar a teoria vivenciada na prática, não tendo apenas uma educação onde o decorar é garantia do aprendizado. Como abordado por (Vasques, 1977), apud Berbel, (2011, p. 37):

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências [...] uma teoria só é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.

A partir dessa perspectiva, é necessário realizar uma comparação entre os métodos tradicionais e os métodos ativos. Portanto, foi necessário se pensar em novas propostas de ensino, onde o aluno tenha interesse e autonomia em seu processo educacional. Sendo assim, conforme Piaget (1977), os alunos podem ter acesso de maneira considerável em seu processo de educação, interagindo em grupos dentro da sala de aula, ou seja, essa educação não necessariamente precisa estar voltada apenas à figura do docente e do aluno, mas realizando uma troca de saberes com todos aqueles que estão envolvidos no desenvolvimento educativo (SILVA. 2014).

3.5 A importância de formar professores para formar cidadãos conscientes

A luta por uma educação igualitária se arrasta há bastantes décadas, percebe-se de forma bastante clara que a mesma continua estagnada após tantos avanços. Por isso, é necessário que haja vontade política e, acima de tudo, uma sociedade atuante e engajada em prol da luta contra a má formação de professores e valorização da classe, que ainda se perdura no Brasil. Dessa

maneira, há muito o que se discutir sobre formação de professores e profissionalismo. Além disso, a valor do magistério em si. Por outro lado, os professores de geografia ainda precisam estar norteados por uma prática de ensino heterogênea baseada em processo de diagnóstico. Por isso, como aborda Neto, (2019, p. 45):

A partir desse prisma, faz-se necessário admitir que a formação inicial de professores em Geografia, por meio de cursos de licenciaturas, ainda possui, de certo modo, um distanciamento da realidade escolar. Em outras palavras, teoria e prática precisam e devem caminhar de forma paralela, criando bases conceituais e permitindo a construção de conceitos por parte dos acadêmicos, mas sobretudo, essas bases teóricas precisam ser postas a prova, necessitam ser “testadas” no espaço escolar.

Para início de conversa, precisamos discutir o saber docente, saber tal que pode ser representado por meio de disciplinas, currículos, experiências e saberes próprios. É inegável que os professores geógrafos tenham diversos tipos de saberes que se multiplicam em meio a tanto conhecimento e tanta sabedoria também dos alunos. Esse conhecimento também é prático e historicamente construído. Não se trata de um saber único, mas de um conhecimento de pessoa que ensina, escolariza e tem que passar além do conteúdo dos componentes curriculares (SILVA. 2014).

Não valorizar o trabalho do magistério se torna uma proibição que a sociedade organizada impunha à classe. Assim, reconhecer o trabalho desenvolvido em prol da aprendizagem e de forma geral da educação espelha o valor bruto de cada docente. Para parcela da sociedade ainda hoje ser professor significa não trabalhar, não ter autoridade de regalias. Porém, o mais preocupante é comprometer a prática pedagógica pela consequência que a visão social que se cria dos docentes e suas propostas pedagógicas, como jogos e brincadeiras como instrumento de ensino e de aprendizagem (NUNES FILHO, 2019). O trabalho docente carrega em si uma essência de conhecimento valoroso e significativo para desenvolver uma análise também da prática. Acontece que mesmo sem reconhecimento da sociedade, ele está muito além das produções científicas e da atuação sobre conteúdos, porque a escola é um laboratório pedagógico; e os professores fazem parte e atuam sobre ele (FIALHO, 2016). Isso gera saber e experiência. Assim, Fasseira, (2016, p. 25):

Os professores, ao ministrarem aulas voltadas aos conteúdos geográficos, devem estar conscientes de que essa disciplina é composta em meio à história da formação escolar, reunindo conhecimentos científicos que buscam uma perspectiva de análise da realidade, construindo o que podemos classificar como “discurso de linguagem geográfica”. Mais importante que o aluno assimilar as informações, para que de fato aprenda noções de Geografia, é fundamental que ele forme um pensamento analítico

da realidade, trabalhando com essa linguagem em si, apropriado dos significados dessa disciplina.

O professor, quando munido de conhecimento, torna-se um ser capaz, questionador e sabe fazer escolhas que possam favorecê-lo em seus interesses, possibilitando sua compreensão de leitura de mundo, entendendo que ele pode ser o sujeito de sua própria história e com isso transformar sua realidade de modo favorável, mais precisamente a realidade de seus alunos. Para isso, ele não pode se desvincular da análise da prática pedagógica. Ela é uma forma de saber como está a realidade da escola em seu lugar de atuação. Nesse contexto, “A formação do profissional de ensino, em curso de licenciatura, deve estar baseada em práticas educativas reflexivas e críticas que mostrem que a investigação é um processo ininterrupto e imprescindível na construção da identidade docente” (SOUSA, 2018, p. 29).

Educar não é uma tarefa fácil. A realidade em sala de aula esmiunça com a prática de ensinar e fazer aprender. Isso é um talento necessário aos professores terem. Mas muito além de talento, eles devem ter preparação e fundamentação científica para construir bases de conhecimento em cima do que pode ser desenvolvido na escola. O magistério é uma classe que necessita de protagonismo e reconhecimento na prática pedagógica. As pesquisas educacionais muitas vezes estão vinculadas somente aos alunos, tudo em prol de uma boa aprendizagem. Porém, os professores são importantes peças para a construção e orientação do saber. Assim Sousa, (2018, p. 31):

As dificuldades dos professores para realizarem atividades cartográficas em suas práticas pedagógicas não podem ficar restritas às disciplinas relacionadas à Cartografia sistemática ou temática. É preciso pensar na oferta da Cartografia Escolar como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura de Geografia voltada para preparar didática e pedagogicamente o estudante de graduação para que ele mesmo possa elaborar materiais cartográficos.

Nesse sentido, reiteramos a importância do professor em seu papel de ensinoaprendizagem ao educar pelo sistema educacional de uma sociedade desigual. A declaração correta é carregar como foco a simplista atuação educativa de educação, ensino e aprendizagem, para fazer do aluno um ser capaz de ler o mundo e se formar um cidadão partícipe. Entretanto, não termina assim, nem para que se chegue a essa proposta seja tão fácil, pois há implicações no contexto educacional. Muitas dificuldades de reconhecimento do professor ficam em desfavorecimento da prática pedagógica. Isso mostra a importância plausível da qual não se pode abrir mão, para argumentar coerentemente sobre o valoroso papel do educador no processo educativo. Educar é, antes de mais nada, compartilhar conhecimento,

sabendo que o aluno já traz seu conhecimento próprio. Mas para partilhar conhecimento requer-se que haja saber. Isso os professores têm não só das disciplinas, mas também do saber próprio.

Essa consideração deve ficar clara para os termos de respeito aos docentes que estão ainda em busca de valorização do trabalho pedagógico. Dessa forma, é preciso desenvolver a valorização das competências, as habilidades, os conhecimentos e o comportamento para ensinar para emancipar é uma tarefa difícil. Isso é inegável. O professor sempre tem a necessidade de buscar caminhos que levem a um bom desempenho dos alunos. Um aluno que tem dificuldades de escrever, por exemplo, significa um desafio para o professor alfabetizador, pois ele está ali para ensinar e ver seu sucesso através dos seus alunos. Porém, a realidade mostra situações difíceis de serem vencidas. A prática do ensino é desafiadora. Ensinar para desenvolver é uma ação que requer habilidades e uma parceria com a família e com a escola e apoio social.

Nem toda a função de ensinar precisa ser de responsabilidade do professor. A este é imposta a obrigação de ensinar, fazer render o ensino na aprendizagem e garantir a aprovação do aluno para a etapa seguinte, não sendo característico para esse nível desenvolvimento. E aí surgem questionamentos a respeito do processo de ensino aprendizagem do professor regente. Alfabetizar na sociedade contemporânea é um desafio para o professor alfabetizador. A cada dia a família põe a obrigação de educar nas mãos do professor somente. Assim fica difícil de fazer valer a atividade docente, pois a cobrança social é somente de fatores quantitativos, e não qualitativos. Dessa forma, o fazer educacional perderá voga, pois a cobrança social será simplesmente baseada em dados, dispensando a qualidade do ensino, aumentando a responsabilidade em educar, esta que está nas mãos do mestre educador.

Há mudanças para esse quadro. Porém para tal seria necessário um posicionamento mais preocupado por parte do Estado com a educação do país, com mais investimento e valorização, o índice de analfabetismo diminuiria, as famílias abraçariam a causa educacional de suas jovens também, a escola teria projetos mais atrativos e interessantes patrocinados pelo Governo e o professor não seria o único autor do processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, a alfabetização daria bons resultados, os alunos desempenhariam bons rendimentos e todos, sejam: família, professor e Governo, sairiam satisfeitos.

A contribuição docente para o fortalecimento do ensino, para a educação, é de alfabetizar desde os que tiveram ou não, a quem tem e a quem não tem oportunidade de estudar no tempo adequado de ensino e assim, pensar a integração entre alunos, escola e sociedade, dando-lhes a oportunidade de dar continuidade nesse processo de aprendizagem.

Compreende-se que o processo de ensino é algo além de conteúdo científico, mas também de inserção social. O instrumento de ensino entra no universo escolar e dá sentido e significados à ação pedagógica em processo integral. É nesse contexto que o professor, em sala de aula, parte para alterar os modos de ensinar e de aprender com suas maneiras de agir atravessadas pelo contexto sociocultural onde está inserido o aluno.

Quando pensamos no processo de ensino, mesmo que não o compreendamos como modos de aprender a ler, a escrever e a entender o que se está escrevendo, o entendimento e diálogo íntimo com o contexto sociocultural do aluno no papel escrito por ele ganha ainda mais relevância bem como a escolarização se constrói a partir da abordagem integral do educando. Os professores também estão inclusos nesse contexto, mas de forma protagonizada para intervir sobre as necessidades de cada aluno, de cada escola.

É por isso que a escola precisa utilizar de todas as ferramentas possíveis para se tornar uma aliada competente e compromissada com essa causa de defesa do magistério e da constante atualização de seus profissionais. Quando iniciamos estas discussões com o intuito de refletir sobre a necessidade de valorizar o professor, levamos também em consideração as necessidades de uma escola aberta para o diálogo, de diagnósticos contínuos, inclusiva e democrática.

O processo de ensino-aprendizagem perpassa a escolarização e a própria mecanização do saber. Os professores não estão para isso, nem podem. Analisar e tirar nossas conclusões sobre a prática de desenvolvimento do ensino, bem como o meio de mostrar como ser educador é um trabalho de múltiplas funções, requer um entendimento das bases do ensino e do reconhecimento do trabalho docente como a venda de uma mão de obra qualificada. A força de trabalho citada por Karl Marx também é uma propriedade docente. O saber do docente está para a escola com a força está para a indústria na transformação das mercadorias. Coerentemente, a força de trabalho do professor é vendida na escola, mas ainda não valorizada.

Diante dessa situação, surge também o papel indispensável do professor no processo de ensinamento, bem como suas práticas pedagógicas. O professor educador tem um papel imensurável no âmbito do ensino; todavia, compreender a importância da presença do reconhecimento profissional é uma análise significativa para assim, em parceria, escola e família, descobrirmos os “fracassos pedagógicos” e os melhores meios de elevar o grau de rendimento na aprendizagem.

Sob a luz dessas considerações, pode-se entender que é possível que, na escola, esse processo educacional pregado de valorização docente transcorra a partir de um trabalho em que o professor use suas estratégias de ensino, baseado nos teóricos educacionais, para que assim

se faça uma aprendizagem não em direção ao individualismo, mas a partir da utilização de atividades pedagógicas que levem os alunos a terem êxito no processo de aquisição da aprendizagem na realização das práticas que dialogam intimamente com a realidade sociocultural deles e com a dos próprios professores.

Inerentemente a isso, implementar ou até mesmo manter programas de apoio e como o objetivo de melhorar e ampliar o alcance da prática pedagógica é um desafio e também uma necessidade já que para tal requer uma organização estratégica por parte da rede de ensino bem como de sua gestão, pois levando em consideração a realidade brasileira nem sempre há disponibilidade para tal.

É provado que a aprendizagem humana é possuidora de toda uma complexidade. A mente humana é dotada de uma capacidade de criar e desenvolver atividades complexas de forma imediata ao se desenvolver. Por isso, o cérebro é um dos órgãos do corpo humano mais estudados do mundo. E nessa condição há uma margem de valor do conhecimento que se emprega ao trabalho docente. A “venda” da mão de obra docente é o que está para ser vendido e talvez comercializado num contexto de ação politizada e racionalidade. Portanto, cada vez menos isso é enriquecido na política de valorização docente.

As atividades docentes podem ajudar bastante na formação, por isso são significativas cada atividade desenvolvida para os professores, cada plano possibilita aprender que o papel do docente é possibilitar a aprendizagem e contribuir com a formação integral dos alunos. Portanto, é preciso reconhecer que o momento de ação pedagógica é uma vivência que merece muita atenção, pois pertence a uma realidade e coerente com o que é compreendido na sala de aula de formação. Às vezes nem é tão coerente assim, porque é sabido que a escola não é um sistema perfeito que possibilita um início, meio e fim bem definidos, mas um local de variância de resultados a partir de intervenções pedagógicas norteadas por diagnósticos contínuos.

É possível vivenciar e ensaiar a formação docente ao estudar planos de aula, planos de ação, lendo, assistindo a vídeos, tudo isso ajuda a ter noção do que vem a ser professores. Porém, o que mais precisa ser reconhecido é que os cursos de licenciatura devem preparar os futuros professores para os diversos tipos de escolas, cada uma com sua singularidade e com seus problemas, bem como para cada tipo de aluno. Desse modo, Silva, (2014, p. 18), faz saber que:

O caminho para o educador iniciar a formação de um sujeito participativo e agente capaz de pensar com criticidade o espaço nas suas múltiplas relações, deve ter como ponto de partida, o estímulo dos saberes prévios do aluno, geralmente aquele pautado no senso comum, carregado de preconceitos e crenças - ou seja, trazer para o contexto

abordado o que o aluno dispõe da realidade subjetiva, para a discussão e com isso valorizar a sua capacidade de análise. Assim, o educador interpreta a leitura do lugar realizada pelo educando. Partindo dessa análise, estabelece a relação do conhecimento à priori ou pré-conceito, com o conhecimento conceitual teórico-científico, a fim de construir uma visão dialógica compartilhada, mais atrelada ao modo humanístico como se organiza o espaço do ponto de vista geográfico.

É certo que muitas vezes as pessoas falam que muitos professores não ensinam direito porque não querem ou porque o salário é baixo, entretanto há professores que têm como maior problema acreditar que as escolas brasileiras são perfeitas. Eles se assustam com a realidade e se desmotivam ou põem defeitos em diversos fatores que venham a justificar o fracasso dos alunos. Claro que os alunos não aprendem por somente um motivo, pois há muitos fatores que podem atrapalhar a aprendizagem, é justamente por isso que os professores devem estar preparados para enfrentar suas “barreiras” pedagógicas, sua formação e buscar valor (TARDIF, 2010).

Enfim, a busca de uma realidade valorativa para o magistério exige muito de toda a contextualização educacional. Acontece que, por mais que o foco seja o aluno, o docente precisa ser valorizado e visto como exemplo de um ser dono de determinado conhecimento. Para ter conhecimento, é preciso investir em formação. Formar professores não é multiplicar pessoas que sabem dar aulas, mas sim construir profissionais capazes de ensinar, de intervir e resolver problemas pedagógicos com o saber que tem e suas estratégias de ensino.

Entretanto, muito ainda há que se resolver no contexto da formação de professores, pois as problemáticas que perpassam os direitos do magistério são muitas; elas vão além da sala de aulas. Trata-se de uma política de reconhecimento de uma classe de profissionais imprescindíveis para a formação cidadã e profissional na sociedade (SILVA, 2014). Portanto, muito ainda temos o que discutir sobre como valorizar tal classe e desenvolver uma formação significativa.

3.6 Os desafios do letramento no ensino cartográfico

A educação é indispensável para o desenvolvimento de uma nação. É direito de cada cidadão ter para si o disposto de saber, escrever e interpretar para mais tarde ler o mundo de forma inteligente e participativa. Nesse contexto, se pode ver as turmas de Educação Básica como mais difíceis de trabalhar em particularidades, por serem turmas heterogêneas.

Naturalmente, para elas serem atribuídas às mesmas possibilidades de aprendizagem é mais desafiador. Segundo Vygotsky, (1988, p. 87):

O ensino representa, então, o meio através do qual o desenvolvimento avança; em outras palavras, os conteúdos socialmente elaborados do conhecimento humano e as estratégias cognitivas necessárias para sua internalização são evocados nos aprendizes segundo seus “níveis reais de desenvolvimento”.

Por isso, deve-se compreender e acostumar-se com a verdade de que no ensino fundamental há um ensino singular por sua composição de turma. Mesmo assim, não devemos desprezar o conteúdo aprendido e já trazido pelo aluno, trata-se de uma bagagem própria, que deve ser obrigatoriamente respeitada e aproveitada. Assim, Vygotsky, (1988, p. 55), ainda coloca:

Costuma-se dizer que as palavras "precisão", "esperteza", "capacidade de raciocínio", "memória", "poder de observação", "atenção", "concentração", e assim por diante denotam capacidades fundamentais reais que variam de acordo com o material com o qual operam; essas aptidões básicas são substancialmente modificadas pelo estudo de assuntos particulares, e retêm essas modificações quando são dirigidas para outras áreas. Portanto, se alguém aprende a fazer bem uma única coisa, também será capaz de fazer bem outras coisas sem nenhuma relação, como resultado de alguma conexão secreta. Assume-se que as capacidades mentais funcionam independentemente do material com que elas operam, e que o desenvolvimento de uma capacidade promove o desenvolvimento de outras.

Mas o processo de alfabetizar no ensino de cartografia é um processo de possibilitar ao aluno a capacidade de ler o espaço, para que mais tarde isso se torne uma prática simples para ele, (MARTINELLI, 2017, apud Neto, 2019, p. 33) “O ensino do mapa está alicerçado na construção de conceitos e noções de espaço no discente, envolvendo, portanto, práticas de introdução cartográfica. Já o ensino pelo mapa, busca promover o conhecimento da realidade por meio das representações espaciais”.

Doravante, ele se tornará um leitor das entrelinhas do texto mapa e se disporá a ser um cidadão, de fato, autônomo. Destarte, pode-se asseverar que, conforme Ferreira, (2011, p. 54):

[...] Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de ‘dizer por escrito’ esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta.

Vale negritar que alfabetizar é o primeiro passo para o letramento. Ler o mundo é uma situação para a qual devemos preparar o leitor do futuro. Aprender a ler mapas é um processo lento principalmente para alunos do ensino básico. Assim, ao falarmos em alfabetizar letrando, estamos tratando do fato de que “o professor trabalhe com as dimensões específicas da

alfabetização e, paralelo a isso, estimule os usos sociais do ler e do escrever nas práticas sociais” (ALBUQUERQUE; LEAL, 2006). É possível sim essa prática alfabetizadora; é esse o principal fator de processo de letrar. O processo de alfabetização só tem valia se antes de tudo houver a expectativa de fazer valer o pensamento crítico-social, uma leitura apresentada e preparada para decodificar as entrelinhas do texto exterior. Essa é a cultura do aprender a ler criticamente diversos tipos de textos: como os mapas (OLIVEIRA, 2010). Ao ensinar o aluno a ler e a interpretar mapas ou cartas cartográficas, também se ensina a ter o intuito de ler nas entrelinhas o texto apresentado, ler de modo que o que foi lido se exponha em seu nível crítico. É isso que deve ser ensinado nas escolas; e é assim que os professores de geografia devem coerentemente proceder. Lerner, (2002, p. 17), reforça essas afirmações:

Ensinar a ler e a escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escrito, é o de conseguir que todos seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores.

Segundo Freire (2001): “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra [...]. A leitura do mundo e a leitura da palavra estão predominantemente juntas. O mundo da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e temas significativos.” Isso quer dizer que o ser humano também deve ter a capacidade de ler o mundo que o cerca, para que dessa forma se torne um cidadão participativo. Assim, Silva, (2014, p. 19), trata:

Destacamos a importância dos instrumentos utilizados pelo professor, no sentido de aproximar aluno e conhecimento, promovendo abordagens interdisciplinares. Além da relevância da utilização de aparatos tecnológicos que auxiliam no trabalho do educador, por meio do emprego da internet e de programas que explorem mapas e imagens de satélite – e que não podem suprirem por si mesmos, pois devem ser utilizados como ferramentas auxiliares nas atividades de ensino –, destaca-se a necessidade da alfabetização cartográfica, também abordada no ensino básico, e que propõe uma linguagem articuladora e interativa para o entendimento do conceito de lugar por meio de representações. Sugerimos a construção dos saberes conceituais analisados, interligada com a representação instrumental cartográfica, por se tratar de uma linguagem que auxilia a leitura do espaço, que estimula a compreensão geográfica quando articulada com o estudo do lugar.

Nesse contexto, o professor se vê diante de duas tarefas cruciais: reger e alfabetizar cartografia para alunos que trabalham, alunos sem tempo para estudar, alunos de turmas irregulares, etc. Diante disso, faz-se necessário que o docente busque jeitos e maneiras para fazer do rendimento das aulas o mais elevado possível. Atendendo teóricos da educação, é aconselhável que o professor busque pôr os alunos no seu próprio universo, palavras-temas,

notícias do meio social em que eles estão inseridos, para que assim fique mais fácil discutir temas relevantes e interpretar textos diversos. Gadotti e Romão (2008, p.121) asseveram que: “O contexto cultural do aluno trabalhador deve ser a ponte entre o saber e o que a escola pode proporcionar, evitando, assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão”. Trabalhar em sala de aula temas que fazem parte do dia a dia do aluno melhora o rendimento e diminui a evasão escolar, pois as aulas tornam-se mais atrativas; isso porque a leitura e a escrita proporcionam uma integralidade entre o aluno e a sociedade. Ler e escrever são ter liberdade de saber diversas formas de trabalhar os assuntos sociais, a alfabetização é causadora disso. Kleiman (2005, p.15) diz que: “A partir da compreensão do impacto dos usos sociais da leitura e da escrita, poderá concretizar-se o desenvolvimento de outras estratégias para acelerar a inserção plena dos adultos recém-leitores no mundo da escrita”.

As aulas de geografia, metodologicamente, precisam ter apoio do conhecimento cartográfico, pois assim os alunos conseguem se localizar no espaço estudado. Acontece que o uso de mapas ajuda os alunos na concretização e no contato com o objeto de estudo, pelo menos de forma gráfica. Nesse viés, Sampaio (2006, p.52) enfatiza a dificuldade do professor de Geografia em trabalhar com Cartografia:

A Geografia e a Cartografia parecem estar separadas, nos seus estudos e utilizações, com os conhecimentos de Cartografia fora da aula da matéria Geografia ou de um curso de Geografia. Daí, se observa uma queda no uso dos mapas no ensino da Geografia, embora vários estudiosos admitam sua necessidade.

Tal realidade remete a indícios de uma formação acadêmica distinta entre geografia e cartografia. Por isso há a necessidade de haver um contato indissociável nas aulas do ensino fundamental dos alunos com mapas e ferramentas cartográficas de estudo do local e do espaço, pois geografia e cartografia se separam por uma linha tênue em situação de estudo do espaço estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi possível obter vários contrapontos a respeito da temática cartográfica em sala de aula, dessa forma, possibilitando que se aferisse uma série de resultados e experiências. Destas quais as principais considerações estão relacionadas a educação cartográfica bem como ao ambiente escolar e educacional.

Quadro 1 – Apresentação a cronologia dos artigos incluídos no estudo

Autores	Indicação do Artigo	Ano	Resultados
ÁVILA	UFP	2018	A compreensão de fenômenos e o processo de ensino na prática.
BREDA E STRAFORINI	Ateliê Geográfico	2020	É possível ensinar possibilitando a compreensão prática do conteúdo, pois a cartografia ajuda na localização, no reconhecimento do espaço
CALADO NETO	UFRN	2019	oferecer um elemento norteador que possa vir a ser aplicado em sala de aula por professores que lecionam a disciplina de Geografia nos anos finais do ensino fundamental, tendo como enfoque a abordagem dos conhecimentos cartográficos;
CAVALCANTI	<u>Editora</u> Alternativa	2002	O ensino de cartografia precisa contextualizar a prática cotidiana;
NUNES FILHO	<u>UFRN</u>	2019	As práticas da cartografia precisam ser repensadas, principalmente em sala de aula;
OLIVEIRA	UFPB	2010	A prática da cartografia ajuda na emancipação dos alunos;

			A cartografia passe compactuar com a prática
ABREU E SILVA	<u>UFRGS</u>	2013	cotidiana compreensão do espaço.
FIALHO	Universidade Estadual Paulista Rio Claro- SP	2016	compreender a formulação de políticas educacionais através do entendimento dos significados que a teoria curricular vem adquirindo ao longo do tempo
SCHERMA	<u>Revista da SBPH</u> Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus de Rio Claro, Rio Claro (SP)	2010	O ensino de cartografia deve ser norteado por possibilidades de prática de ensino voltado ao cotidiano;
FASSEIRA	Universidade Estadual Paulista Rio Claro- SP	2016	O ensino de cartografia deve possibilitar a conhecer o mundo em volta do estudante. O estudo do espaço pode ser revertido em compreender si e o lugar onde estamos.

Fonte: elaborado pelo autor 2021

Raissa Brum Gonçalves de **Avila**, em sua dissertação; trata da importância em desenvolver nas práticas pedagógicas e metodologias a elaboração de mapas mentais, onde através destes é possível a mediação no desenvolvimento do ensino de geografia, onde os alunos associam interpretações de seus modos de vida os correlacionando com a escola, ou seja, trazem o para si o conteúdo ligado com suas realidades. Tendo como ponto de partida a abordagem da fenomenologia, usando da Paisagem como objeto de estudo. Com o intuito de utilizar “uma linguagem cartográfica do conhecimento, como instrumento de representações a partir dos mapas mentais, (Avila, 2018, p. 49)”.

Breda e Straforini, trazem em seu artigo que a alfabetização cartográfica é indispensável como metodologia didático pedagógica no ensino de geografia, já que a mesma ajuda na localização, no reconhecimento do espaço e na valorização da autonomia do educando. Valendo citar que dominar noções cartográficas por si só não bastam para se apropriar da linguagem cartográfica, sendo necessário compreender todas as representações espaciais.

José Alves Calado **Neto**, em seu relatório de mestrado; concentra-se na vertente de que os conhecimentos cartográficos são de suma importância nas metodologias e na relação de ensino aprendizagem de geografia, bem como na interligação entre a formação docente e a aplicação destes conteúdos, tratando também das dificuldades na atuação pedagógica dos professores, já que as noções cartográficas que deveriam estar presentes desde os anos iniciais da educação básica não se fazem presentes, no cotidiano dos alunos. Tendo isso em vista foi desenvolvida uma análise da formação dos mesmos, visando captar eventuais dificuldades na abordagem da temática cartográfica, e propor contrapontos norteadores que venham a facilitar sua aplicação. Abordando o aperfeiçoamento do professor, com uma sequência didática com as maiores dificuldades apresentadas pelos professores. Por fim vale citar que a formação docente na área de geografia de modo específico em relação à sua preparação para os saberes cartográficos, pode ser considerados um dos cerne da problemática em voga nessa pesquisa. (Neto, 2019, p. 92).

Lana de Souza **Cavalcanti**, trata que o ensino de cartografia precisa contextualizar a prática e as relações cotidianas, para incentivar a participação ativa do aluno. As ferramentas pedagógicas são válidas a partir do momento que instrumentaliza o ensino e possibilita o saber cartográfico nas aulas de geografia com a partir de intervenções pedagógicas norteadas por diagnósticos.

Aurino Alves **Nunes Filho**, aborda como indispensável que o ensino escolar de geografia seja capaz de possibilitar que os estudantes desenvolvam a capacidade de compreender o espaço geográfico, seja como paisagem, analisada no âmbito da morfologia, bem como o território em suas relações de poder. Através da leitura crítica da realidade e suas contradições por intermédio e dinamismo da cartografia que possui as ferramentas didáticas para tal representação, sendo imperioso que a mesma esteja presente desde o início da escolaridade. Tendo por base Simielli (1999), o 5º ano é o marco chave, pois nessa época os alunos devem aprender os elementos de representação gráfica, enquanto nos anos finais do fundamental, o enfoque deve ser na localização, na correlação de fenômenos e tipos de

representação. O aproveitamento das geotecnologias no desenvolvimento de materiais cartográficos é saltar para compreensão do espaço geográfico, ao exemplo de jogos didáticos, estes podem trazer ludicidade e dinamismo na metodologia das aulas, tornando-as prazerosas e interativas estimulando a participação dos alunos, tais tecnologias devem ser indispensavelmente aproveitadas nos anos finais do ensino fundamental. Fazer uso dessas ferramentas deve ser o desafio a vigorar nesses tempos de constantes avanços tecnológicos, valendo ressaltar que esta não deve ser tida como uma mera decodificação de dados.

Aldo Gonçalves de **Oliveira**, em sua dissertação, vem explicar sobre o desenvolvimento histórico de inserção da geografia no currículo escolar brasileiro, tendo início no século XIX, possibilitando a burguesia brasileira ter acesso a estas noções nos cursos de ensino superior da época, bem como ao ensinamento da cartografia mesmo que em seu sentido mais raso de modo a se limitar a simples memorizações e representações. Em seu recorte temporal de 1913 à 1982, indo desde a inauguração da utilização dos mapas em manuais didáticos ao rompimento metodológico na configuração do conhecimento geográfico escolar, (Oliveira, 2010, p. 06). Hoje, sabe-se que os mapas possuem a linguagem crítica do espaço, tendo isso em vista o autor traça um panorama das abordagens aos mapas nos livros didáticos de geografia levando em consideração, os processos políticos e econômicos de cada época.

Paulo Roberto Florêncio de **Abreu e Silva**, na sua tese, aborda a importância da construção dos conhecimentos cartográficos na formação docente e suas implicações no ensino escolar. Trata da importância de que estes disponham orientações, da temática, sejam eles formados em geografia ou não, pois é comprovado que em muitas ocasiões os professores não estão dando conta do ensinar cartográfico. Do ponto de vista da interdisciplinaridade e correlações de didática, aproxima da cartografia os professores de história. Faz saber que, é indispensável a alfabetização cartográfica, no ensino fundamental, para que dessa forma seja possível a construção do entendimento da espacialidade e do mundo por parte dos alunos, visando diminuir o que é chamado de analfabetismo cartográfico, e explorar da melhor forma a curiosidade dos estudantes. Defende como fundamental a implementação da cartografia escolar no currículo de formação docente. Deixa a complementação de que as constantes alterações do meio social e tecnológico devem ser acompanhadas, sejam em pesquisas ou nas metodologias pedagógicas.

Gustavo Vitor Moreira **Fialho**, em sua dissertação, vem a apontar a importância que a ciência cartográfica está adquirindo nas propostas curriculares oficiais, de modo que esta seja

significada no cotidiano dos educandos, porém vem a tratar da discrepância entre a proposta oficial e a real situação em que se encontram educadores e os alunos não dominando os conhecimentos de maneira efetiva. Apontando descompassos entre a cartografia a área física da geografia, do ponto de vista de que a geografia como um todo não pode separar-se da cartografia. Tendo como ponto de enfoque a educação de Minas Gerais, porém a maioria dos contrapontos se abrangem ao âmbito nacional. Principalmente, do prisma de que nos últimos dois séculos a cartografia e a geografia tem ganhado, cada vez mais importância as vistas dos interesses político econômicos da conjuntura global. Defende também a necessidade de se haver uma formação continuada para os professores, bem como reestruturações nas metodologias de ensino, para que dessa forma seja possível ir além da mera reprodução de saberes, e se alcance uma reflexão crítica.

Elka Paccelli **Scherma**, em sua tese, fundamenta a necessidade que se apresenta em superar as dificuldades inerentes à leitura e interpretação de mapas por parte dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, trazendo como sugestão propor uma metodologia de ensino que viabilize a participação dos alunos, buscando ampliar, o dinamismo e o aprendizados nas aulas, através do esporte de Orientação sendo possível a melhora na compreensão de mapas bem como do espaço geográfico, diante ao fato de que o alunos se beneficiam do acúmulo de experiências de seu cotidiano. Objetivando um aprimoramento da prática pedagógica, sugere-se que se diversifique a utilização, da orientação cartográfica já que a mesma ainda é escassa. Vale ressaltar também que a utilização do lúdico nas aulas se faz necessário para captar a interação dos alunos bem como seu aprendizado, saindo da monotonia.

Mônica Yohana Alves **Fasseira**, em sua dissertação, lança luz a propostas pedagógicas direcionados a crianças da Educação Infantil, visando entender as percepções da criança, sobre noções de espaço adquiridas em seu meio de vivência, visando relacionar os conceitos de noite dia, a relação entre o Sol e a Terra, e as estações do ano. É possível afirmar que noções cartográficas e geográficas podem ser trabalhadas com crianças, desde que seja elaborada uma abordagem didática coerentes com a faixa etária abordada, estimulando a curiosidade e a participação dos alunos. Por fim vale supracitar que a alfabetização cartográfica é fundamental para compreensão do espaço e um esboço espacial que possa representar o aluno.

A partir da exploração dos trabalhos supracitados e referenciados ao longo desta produção, é possível compreender as diversas abordagens pedagógicas desenvolvidas pelos pesquisadores a respeito do ensino e da aprendizagem de cartografia na educação básica de modo a referir-se à cartografia em abordagens coerentes, tornando-se indispensável a utilização de mapas mentais, jogos de tabuleiro, cartas e demais representações cartográficas que despertem a conscientização prática do ensino geográfico do espaço de localização. Com o intuito de desenvolver as percepções de lateralidade, noções espaciais e de alto controle, tais fundamentos são indispensáveis no dia a dia; por exemplo, para dirigir é necessário possuir boas noções de espaço, algo que é indispensável nos dias atuais, onde a mobilidade é constante.

Do ponto de vista pedagógico, existe uma sequência ordenada em que as noções cartográficas devem ser expostas aos alunos de modo que propiciem um desenvolvimento de alto localização no espaço, sendo presente desde os anos iniciais de ensino até os finais. Vale ainda a ressalva, de que são colocados elementos da alfabetização cartográfica em contato com os alunos. Acontece que com o passar dos anos a percepção da tridimensionalidade e a correlação da distância entre os objetos já podem ser assimiladas com os segmentos de estudo e de desenvolvimento da consciência cartográfica.

De modo interligado à geografia, a cartografia tem o objetivo de tornar possível a correlação de fatos socioespaciais e suas representações; assim, é fundamento da geografia trabalhar tais eventos. A cartografia, por sua vez, tem a capacidade de dar forma e representar as peculiaridades, um exemplo disso seria a estrutura demográfica do Brasil, onde o contexto geográfico e socioespacial responsável por tornar tudo isso possível é tratado pela geografia, enquanto que o mapa vem a representar estas particularidades em uma representação didática e que torne possível vislumbrar um processo complexo e extenso diante de nossos olhos.

Visando que tais abordagens de ensino sejam iniciadas no desenvolvimento dos educandos, é notório que o mapa possui os principais requisitos para impulsionar esse início de alfabetização cartográfica, tendo em vista que se trata da ferramenta que melhor expressa e retrata a realidade, ou possa retratar. Desse modo, a percepção de várias informações nele contidas serve como instrumento de vivências dos educandos. Vale a ressaltar que o mapa é utilizado desde os primórdios da humanidade, dessa forma fica intrínseca a sua funcionalidade no ensino, proporcionando atividades e trabalhos interdisciplinares nos sistemas de educação, observando a necessidade e a importância de que a Geografia e a cartografia estejam juntas e não fragmentadas para que dessa forma amparem a espacialidade.

Com o intuito de desenvolver as atividades escolares é salutar que se possua ferramentas pedagógicas significativas, para que além vir a tornar possível a realização de atividades ainda mais interativas e didáticas, e também para motivar as realizações das mesmas, pois é sabido que se requer dedicação e comprometimento na utilização de novas ferramentas de ensino, bem como as geotecnologias.

Para fim de desenvolver essa referida didática, é necessário que haja, materiais e trabalhos, que sejam correlacionados aos contextos e realidades vivenciadas pelos alunos, sendo fundamentais para despertar o interesse dos mesmos, tendo em vista que nos primeiros anos de vida a curiosidade da criança é compulsiva, poder trabalhar esses pontos ligados às primeiras impressões, localização no meio e noções espaciais. Conforme a disponibilidade de materiais, que possam representar o lugar e componham um material didático interativo, é recomendado e bem mais atrativo observar e estudar informações do próprio município ao invés de um outro aleatório, já que dessa forma há lugar na didática da aula para se inserir as experiências e conhecimentos pessoais dos estudantes, tornando todo processo mais prazeroso e motivante.

Em grande maioria as instituições de ensino brasileiras deixam a desejar no ensino do componente geografia a tornar um verdadeiro desafio ao professor, que busca em meio a tantas adversidades para o ensino transmitir ao máximo os conhecimentos. Dessa forma, a prática pedagógica torna-se fortalecida diante de novas propostas de ensino, pois novas abordagens para o ensino de cartografia precisam ser incorporadas na prática. Levando isso em consideração, inovar a didática em sala de aula, principalmente no contexto de relacionar as atividades teóricas e práticas de cartografia, constitui sim um enorme desafio ao docente, não somente de Geografia bem como de outras disciplinas.

Vale ressaltar conforme afirmações dos trabalhos pesquisados que em vários casos as formações docentes deixam lacunas, por vezes chamadas de analfabetismo cartográfico; inerentes à deficitárias formações docentes, tais barreiras precisam ser sanadas, já que em determinadas situações os educadores não conseguem aportar todo o ensinar cartográfico, deixando espaçamentos entre teoria e prática, melhores acompanhamentos são necessários visando um melhor aproveitamento das aulas em que o mesmo possa se utilizar dos conhecimentos cartográficos.

Outro ponto relevante a ser levado em consideração, e também tratado nas pesquisas a criação de novas alternativas que visem a inclusão prática de alunos que possuam, necessidades especiais, tais como baixa visão ou audição, visando, que estes alunos não sejam meros presentes em sala, mas que possam de fato interagir e aprender junto ao restante da turma.

Outro ponto a ser levado em discussão, com base nas análises realizadas é a necessidade de inclusão por parte das práticas pedagógicas, desse modo, materiais cartográficos em Braille, podem e exercem uma alternativa para essa situação de inclusão interdisciplinar e social.

Com o objetivo de buscar por novas maneiras educativas e desengessar as antigas práticas educativas, é imperioso que se ofertem condições para que os educadores se desvinculem das práticas enrustidas e tradicionais, buscando sempre por se atualizar, afim de que os mesmos mantenham suas práticas em sala aperfeiçoadas, os professores precisam dispor de uma formação continuada que disponham de oferta de cursos de geotecnologias e de cartografia, para que possam se somar as experiências que o educador possui no ensino, englobando aspectos da localidade onde o professor se insere, não tornado seu aperfeiçoamento distante do contexto social onde o mesmo se encontra.

Com o intuito de que dessa forma, ele possa se elencar em meio a estas temáticas e produzir parte de seu conteúdo didático, tendo domínio das geotecnologias, fundamentais para o exercício da docência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange ao letramento em cartografia, é clara a importância de conhecer a fundo essa temática, sendo ela tão fundamental para o desenvolvimento cognitivo e percepção do espaço por parte dos alunos, bem como na melhora e dinamismo, na didática que permeia diversas questões e temas pertinentes a nosso dia a dia como sujeitos sociáveis e necessitados da difusão de conhecimentos de localização no espaço.

A cartografia é sem dúvidas indispensável para a aprendizagem dos nossos alunos. Ela certamente necessita de uma atenção especial nas séries iniciais da escola, pois dessa forma pode instigar e aflorar percepções e noções de espaço, as quais os alunos já trazem consigo ao frequentarem as unidades de ensino, tendo em vista que o aluno não é uma tábula rasa, pois já traz um conhecimento prévio, e assim tende a acumular experiências no decorrer de seus anos de vida. Dessa forma, a escola deve ser o lugar onde estas crianças se sintam atraídas a esboçar suas noções prévias e dessa forma ampliar seus conhecimentos.

Tendo a didática como foco, pode-se observar que o mapa é um instrumento dentre outros vários que possuem a finalidade de auxiliar os alunos no entendimento do mundo a sua volta. Porém, vale ressaltar a importância de que esse processo de alfabetização cartográfica

dos discentes, seja realizado de modo correto, tendo em vista o aproveitamento pleno dos benefícios que os mesmos dispõem, para facilitar a aprendizagem.

As ferramentas cartográficas e sua utilização são pontos chave na construção pedagógica, bem como a disseminação do conteúdo cartográfico as vistas que, para tal é necessário que o professor disponha de técnicas e meios para utilização destas ferramentas. Desta forma torna-se indispensável que: complementações pedagógicas, cursos técnicos em ferramentas cartográficas, formações continuadas, e incentivos a utilização de novas metodologias, podem ser necessárias, e certamente bem vindas, já que o professor precisa sempre se atualizar, tanto na sua prática pedagógica bem como nas novas tecnologias, que por sua vez surgem de modo repentino e constante, na contemporaneidade em que vivemos.

Estar atualizados nessas tendências possibilitará uma diminuição do descompasso entre as metodologias em sala e as tecnologias que os alunos dispõem, ou que pelo menos têm conhecimento a respeito.

Diante dessa discussão, vale não esquecer que é possível vivenciar e ensaiar a prática pedagógica de ensino de geografia mesmo ainda no período do estágio fazendo planos de aula, planos de ação, lendo teóricos educacionais, assistindo a vídeos, etc. Para trazer os conhecimentos cartográficos para mais próximo da realidade dos seus alunos é necessário que haja um esforço do professor em sempre que possível fazer abordagens que instiguem os alunos a partir dos seus conhecimentos prévios, desenvolver e aprimorar seus entendimentos dos conceitos cartográficos, a exemplo dos seus percursos diários, sejam de casa para escola ou outros lugares que eles frequentem com frequência.

Porém, o que mais precisa ser reconhecido é que os cursos de licenciatura devem preparar esses futuros docentes para os diversos tipos de escolas; ou melhor, de alunos, cada uma com sua singularidade e com seus problemas, bem como para cada tipo de educando há uma intervenção a ser projetada.

É certo que muitas vezes as pessoas tendem a pensar que os professores não ensinam direito o salário é baixo, ou por não quererem de fato, entretanto há professores que têm como maior problema romantizar a educação brasileira ou sua estrutura, crendo em uma perfeição que a mesma não possui na prática. Eles se desmotivam com a realidade, põem defeitos em diversos fatores que possam justificar o insucesso dos alunos.

Sabendo disso os futuros docentes devem estar preparados para lidar diariamente com tais desafios e supera-los, visando aportar os mesmos como metas a serem alcançadas no cotidiano pedagógico afim de promover avanços no aprendizado de seus educandos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ÁVILA, Raissa Brum Gonçalves de. **A Abordagem Fenomenológica e sua Relação com Mapas Mentais no Processo de Ensino Aprendizagem em Geografia**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**- Nº9394 de1996, MEC,1996.

BRASIL. Lei nº. 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BREDA T. V.; STRAFORINI R. **Alfabetizar letrando: possibilidades para uma cartografia porosa**, Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 14, n. 2, ago/2020, p. 280 – 297.

CALADO NETO, Jose Alves. **Cartografia escolar e sequência didática: uma proposta metodológica para os anos finais do ensino fundamental** / Jose Alves Calado Neto. UFRN, Caicó, 2019. Disponível em:

https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/26746/1/Cartografiaescolarsequ%C3%AAncia_CaladoNeto_2018.pdf. Acesso em: 12 de nov. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.

CERQUEIRA, T. C. S. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. PSIC: Revista de Psicologia da Vetor Editora, v.7, n.1, p.29-38, jan./jun. 2006.

CORRÊA, Maiara Lenine Bakalarczyk; BOLL, Cintia Inês. **Perspectivas sobre o uso de metodologias ativas no contexto da cultura digital**. Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, v.8, n. 2, 2019.

ELKA, Paccelli Scherma. **Corrida de orientação**: uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus de Rio Claro, Rio Claro (SP), 2010.

FASSEIRA, Mônica Yohana Alves. **Cartografia escolar na educação infantil**: Descobrimo o mundo à sua volta. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho” Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus de Rio Claro, Rio Claro (SP), 2016.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 2011.

FIALHO, Gustavo Vitor Moreira. **Currículo de papel**: a cartografia no contexto do CBC de Geografia de Minas Gerais / Gustavo Vitor Moreira Fialho. - Rio Claro, 2016.

FILATRO, A.; CAVALCANTI, C. C. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

FOSNOT, C. T. (Org.) **Construtivismo**: teoria, perspectivas e prática pedagógica. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

FREIRE, Paulo, Paulo Freire. **A Importância do ato de Ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados,1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que completam. 2.ed. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 2.ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista Brasileira de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

HONDA, Janiane Divina dos Santos. **Políticas curriculares e atlas escolares municipais: contribuições para o estudo do lugar**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS, Programa de Pós-Graduação em Geografia, GOIÂNIA 2017.

JÓFILI, Zélia. **Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola**. Educação: Teorias e Práticas, dez 2002, p.196.

KLEIMAN, Ângela. **Revista Pátio**, v. 9, n. 33, fev./abr. 2005.

LEAL, Telma Ferraz. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola Teoria e prática**. 5. ed. Rio de Janeiro: Alternativa, 2004.

LOPES, ROSSI, M.A.G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória/PR: Kayganguê, 2005, p. 89.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**. Abordagens qualitativas. 2.ed. São Paulo: EPU, 2013.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. In: **Revista de contabilidade e organizações**, v. 2, n. 2, p. 9-18, jan./abr. 2008.

- MENDONÇA, Helena Andrade. **Construção de jogos e uso de realidade aumentada em espaços de criação digital na educação básica.** In: Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. BACICH.
- MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda.** In: BACICH, L; MORAN, J. (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 174p.
- MOURA, Maria da Glória Carvalho. **Teorizando a prática, construindo a teoria, um diálogo com a incerteza: desafios para o professor da Educação de jovens e adultos.** 317f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 2001.
- NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida.** In: NÓVOA, A. (Org.). Vida de professores. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- NUNES FILHO, Aurino Alves. **GeoGame: jogo didático para a interpretação crítica de representação cartográfica do espaço geográfico / Aurino Alves Nunes Filho.** - Natal, 2019.
- OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. **A cartografia escolar e o ensino de geografia no Brasil: um olhar histórico e metodológico a partir do livro didático (1913-1982).** Programa de pós-graduação em geografia, João Pessoa, 2010.
- OLIVEIRA, Livia de. **Percepção e representação do espaço geográfico.** In: DEL RIO, Vicente.; OLIVEIRA, Livia (Org.). Percepção ambiental: a experiência brasileira. 2. ed. UFSCAR, 1999.
- PENHA, J.M.; LIRA, A.L.; CHAVES, A.C. **Letramento Cartográfico na Geografia Escolar: o Google Earth Como Recurso Didático Numa Proposta de Ensino Híbrido.** Dez., 2018 Edição Especial VI CIE.
- PERRENOUD, Philippe. **Escola e cidadania: o papel da escola na formação para a democracia.** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, F.; FECHINE, J.A.L. **A cartografia escolar e sua importância para o ensino de Geografia**. Caderno de Geografia, v.27, n.50, 2017.

SERAFIM, Maria Lúcia; SOUSA, Robson Pequeno. Multimídia na Educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. IN: SOUSA, Robson P.; MOITA, Filomena M.; CARVALHO, Ana B. (Orgs.) Tecnologias digitais na educação. Campina Grande: Eduepb, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Karine Araújo e. **A formação continuada de professoras do Ensino Fundamental I**, a partir do Atlas Escolar Municipal de Trindade (GO), 2014.

SILVA, Paulo Roberto Florêncio de Abreu e. **Cartografando a construção do conhecimento cartográfico no ensino da geografia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

SIMIELLI, M. E. R. **O mapa como meio de Comunicação**: implicações no ensino de Geografia do 1º Grau. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

SOUSA, Iomara Barros de. **A formação continuada de professores de Geografia em geotecnologias aplicadas à Cartografia**: experiência de pesquisa-ação pedagógica (PAPE) no Ensino Fundamental II, Rio Claro, 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11ª ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2010.

TOMITA, Luzia. M.S. **Ensino de Geografia**: aprendizagem significativa por meio de mapas conceituais. Tese de Doutorado: Depto de Geografia da UNESP, São Paulo, 2009.

VAZQUEZ, Sánchez. **Filosofia da Práxis**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZANETTI, Maria Aparecida. Reflexões sobre a formação de educadores de jovens e adultos em redes de ensino públicas. In: MACHADO, Maria Margarida. (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília: Secad/MEC, Unesco, 2008.